

## HERMES ESTÁ ENTRE NÓS! O DISCURSO DE S. PAULO EM LISTRA

Moisés Olímpio Ferreira<sup>i</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa a refletir sobre a construção discursiva do orador, observando as adaptações a que essa representação é submetida diante de seu auditório. O corpus constitui-se pelo discurso do apóstolo Paulo em Listra, registrado em Atos 14.15-17. Como base teórica, servimo-nos dos conceitos da Nova Retórica, de Chaïm Perelman e seus sucessores; quanto à gramática da língua grega<sup>ii</sup>, utilizamos o arcabouço teórico de Henrique Murachco. Relativamente à Nova Retórica, não há dúvidas de que ela trouxe vida aos estudos retórico-argumentativos, de modo que a análise das operações de persuasão, presentes nas mais diversificadas modalidades discursivas, pode nela amparar-se, a fim de compreender e descrever os processos pelos quais o orador se empenha com vistas ao assentimento de sua audiência. Conceitos como *êthos*<sup>iii</sup>, *lógos*, *páthos*, *dóxa* etc. sustentam o exame das diferentes manobras de influência, pois a imagem projetada do orador, que apoia os seus argumentos no universo de crenças, paixões e valores admitidos, manifesta-se no discurso, não sem antes ter sofrido coerções provenientes das representações daqueles a quem se dirige. Como o orador se constrói em função da imagem de seu auditório, os ajustes lhe serão determinantemente necessários se ele quiser mostrar vínculo pessoal e alcançar consentimento e participação. De fato, *êthos* e *páthos* se integram, haja vista que a comunhão dos espíritos e as operações persuasivas serão estabelecidas por meio das representações que um faz do outro. Enquanto o orador se projeta e a seu auditório pelo seu modo de dizer, fazendo o sentido vir à existência por meio de seu discurso, é por este que a audiência reconhece o caráter de quem fala e, ao mesmo tempo, (re)constrói o sentido, avaliando-os, atribuindo-lhes graus de identificação, aceitando ou não a sua legitimidade.

**Palavras-chave:** Discurso religioso. Nova Retórica. *Êthos/páthos/lógos*. Apóstolo Paulo

<sup>i</sup> Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Lineide Salvador Mosca e coorientação do Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco. E-mail: [moisesolim@usp.br](mailto:moisesolim@usp.br).

<sup>ii</sup> Quanto às traduções dos textos em grego ou hebraico, a fim de auxiliar a sua leitura, utilizamos os seguintes símbolos: 1- ( ) – opção de tradução; 2-[ ] – texto omitido em alguns manuscritos; 3-{ } – termo subentendido (real ou possível).

<sup>iii</sup> Em nossa transcrição das palavras gregas, preferimos a forma *êthos* (h=qoj: *caráter, modo de ser*) para diferenciá-la de *éthos* (e;qoj: *costume, hábito*). Além disso, procuramos manter a acentuação original de todas as palavras por nós transcritas neste artigo: *lógos, páthos, dóxa* etc.

**Abstract:** This paper aims to reflect on the discursive construction of the orator, by observing the changes that this representation is submitted in front of his audience. The corpus is constituted by the St. Paul's speech at Lystra, recorded in Acts 14.15-17. The theoretical basis for this study is the concepts of the New Rhetoric of Chaim Perelman, and his successors. In regard to the grammar of the Greek language, we use the theoretical framework of Henrique Murachco. There is no doubt that the New Rhetoric has brought life to the rhetorical-argumentative study. The analysis of the operations of the persuasion, which is presented in a more diverse range of discursive modes, can be sustained in this theory in order to understand and describe the processes by which the orator is committed to achieve his aim, that is, the agreement of the audience. Concepts such as *ethos*, *logos*, *pathos*, *doxa*, etc. support the consideration of the various maneuvers of influence, because of the projected image of the orator, which supports his or her arguments in the universe of beliefs, values and admitted passions, is manifested in the speech, but not before having suffered coercion from representations of those to whom it is concerned. As the orator is built by the image of his audience, adjustments will be categorically needed to show if he wants to achieve agreement and participation. In fact, *ethos* and *pathos* are integrated, considering that the communion of spirits and persuasive operations will be established through representations that one makes for each other. While the orator projects himself and his audience by his way of saying, making the sense come into existence through his speech, the audience recognizes the orator's character through this speech, and at the same time, it (re)builds the sense, evaluating the *ethos* and the *logos*, giving them degrees of identification, and accepting or not their legitimacy.

**Key-words:** Religious Discourse. New Rhetoric. Ethos/pathos/logos. St. Paul.

## Introdução

Após terem permanecido na obscuridade por um longo tempo, terem ficado restritas a figuras do léxico poético e reduzidas a aspectos estritamente literários, a *Retórica* e a *Dialética* de Aristóteles renascem com novo fôlego, com forças revigoradas. Pesadas na balança, a sua importância não era menor do que a da Demonstração Analítica, e mesmo que os *silogismos analíticos* (alicerçados na lógica formal, nas proposições evidentes, a fim de chegar à conclusão verdadeira, inevitável) e os *dialéticos* (fundados nas premissas prováveis, nas opiniões aceitas, a fim de obter conclusões verossímeis, plausíveis e, portanto, contestáveis) não tenham sofrido hierarquização por parte do filósofo, estes foram diminuídos de tal maneira que a desproporção tomou amplitude exageradamente marcante. Lançada ao plano dos sofismas, ao campo dos interesses pessoais, a *Retórica* chegou mesmo a ser sinônimo de discursos vazios e técnicas imorais de convencimento. Por sua vez, embora a *Demonstração Analítica* e a *Argumentação Dialética* sejam historicamente irmãs, partes de uma mesma peça, existentes em coordenação oposta e complementar, elas não receberam tratamento, desenvolvimento e consideração equitativos:

Ἡ ῥητορικὴ ἐστὶν ἀντίστροφος τῇ διαλεκτικῇ· ἀμφοτέραι γὰρ περὶ τοιοῦτων τινῶν εἰσὶν ἃ κοινὰ τρόπον τινὰ πάντων ἐστὶ γνωρίζειν καὶ οὐδεμιᾶς ἐπιστήμης ἀφωρισμένης· διὸ καὶ πάντες τρόπον τινὰ μετέχουσιν ἀμφοῖν· πάντες γὰρ μέχρι τινὸς καὶ ἐξετάζειν καὶ ὑπέχειν λόγον καὶ ἀπολογεῖσθαι καὶ κατηγορεῖν ἐγχειροῦσιν.

A Retórica é contrapartida da Dialética, pois ambas são a respeito de algumas dessas coisas que {são} comuns a todos {quanto a} alguma maneira; é ter conhecimento e nenhuma ciência definida (posta à parte > específica). Por isso, também todos participam, de alguma

maneira, de uma e de outra, pois todos até certo ponto empreendem inquirir também alguma coisa e sustentar um raciocínio e defender-se e acusar (Retórica, I, 1, 1354<sup>a</sup>).

Sem afirmar que a Retórica é uma espécie de Dialética, ou que a Dialética é uma espécie de Retórica, Aristóteles diz que ambas estão associadas pela natureza não-específica do objeto de estudo:

(...) περὶ οὐδενὸς γὰρ ὠρισμένου οὐδετέρᾳ αὐτῶν ἐστὶν ἐπιστήμη, πῶς ἔχει, ἀλλὰ δυνάμεις τινὲς τοῦ πορίσαι λόγους.

(...) pois a respeito de nada posto à parte (de nada específico) nenhuma delas é ciência, mas são algumas capacidades para fornecer raciocínios (Retórica, I, 2, 1356<sup>a</sup>),

de modo que,

(...) οὐκ οὐκ ἐστὶν οὐθενὸς τινος γένους ἀφωρισμένου ἢ ῥητορικῆ, ἀλλὰ καθάπερ ἢ διαλεκτικῆ, καὶ ὅτι χρήσιμος, φανερόν, καὶ ὅτι οὐ τὸ πείσαι ἔργον αὐτῆς, ἀλλὰ τὸ ἰδεῖν τὰ ὑπάρχοντα πιθανὰ περὶ ἕκαστον, καθάπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις τέχναις πάσαις (...)

(...) portanto, a Retórica não é de nenhum gênero posto à parte (em separado > específico), mas é como a Dialética; que é útil, também é evidente, e que também não é seu trabalho persuadir, mas ver as coisas existentes que convencem a respeito de cada {caso}, como também (acontece) em todas as outras artes (...) (Retórica, I, 1, 1355<sup>a</sup>).

O que ocorre, é a aproximação da Retórica com a Dialética, o estabelecimento de uma relação estreita entre as duas disciplinas, pois Aristóteles mostra que a Retórica possui a sua forma particular de pensar com regras específicas e, ao mesmo tempo, demonstra que ela possui uma relação avizinhada com a Dialética. Em razão disso, tem-se habitualmente apresentado essas duas artes de forma unida, sem muitas vezes distingui-las, pois se considerarmos que o propósito central

é alcançar e conquistar o auditório, conduzindo-o à crença e à ação, o argumentativo é retórico e vice-versa<sup>1</sup>.

Qual foi o motivo, então, da desvalorização sofrida? Deu-se porque *Argumentação* não se manifesta por demonstração lógico-dedutiva, por métodos de conhecimento rigorosos, pelas proposições evidentes, pelo exame dos meios de prova incontestáveis, como ocorre no modo analítico de pensar. Argumentar é comunicar, dialogar, discutir e, portanto, é transitar no campo do provável, pois escapa da certeza do cálculo, é visar à adesão dos espíritos por meio do que é verossímil, plausível, razoável. Trata-se da arte de procurar, para cada caso, os meios disponíveis de persuasão, e o seu material são as questões dialéticas em que se examinam os raciocínios prováveis, as probabilidades, as conclusões verossímeis, as crenças, o mundo das opiniões gerais.

Assim, leva-se em conta as diversas opções, perspectivas e valores; depende do contexto em que se situa; é pessoal, pois é preciso conquistar a aceitação do auditório pelo contato entre os sujeitos; a sua lógica é a dos juízos de valor relativa não ao verdadeiro, mas ao preferível.

Na *Retórica* (I,1356<sup>a</sup>ss.), as provas de persuasão encontram-se em três fontes: *no caráter moral de quem fala* (evn tw// h; qei tou/ le, gontoj). *Persuade-se pelo êthos quando o discurso é dito de tal maneira a construir o orador de modo confiável* (o[tan ou[tw lecqh/ o` lo, goj w[ste avxio, piston poihsai to.n le, gonta), e isso *por meio do lógos* (dia. tou/

lo, gou). Tal lhe é a importância do *êthos*, que Aristóteles assevera: {é} *quase como dizer que o caráter (êthos) porta a principal prova* (scedo, n w`j eivpei/n kuriwta, thn e; cei pi, stin to. h=qoj).

Também *na maneira como o ouvinte se dispõe* (evn tw// to.n avkroath.n diaqei/nai, pwj), isto é, pelas paixões que ele é levado a sentir. Desse modo, busca-se a persuasão *por meio dos ouvintes, quando eles forem levados à paixão sob o efeito do discurso; pois não de modo semelhante atribuímos juízos ao sentirmos tristeza e alegria, ou amor e ódio* (dia. de. tw/n avkroatw/n, o[tan eivj pa, qoj u`po. tou/ lo, gou proacqw/sin\ ouv ga.r o`moi, wj avpodi, domen ta.j kri, seij lupou, menoi kai. cai, rontej h; filou/ ntej kai. misou/ ntej).

E, ainda, no próprio discurso (evn auvtw// tw// lo, gw), pelo que este mostra ou parece mostrar aos ouvintes, isto é, quando por meio do discurso eles creem, quando mostramos o que é verdadeiro ou o que parece [verdadeiro] a partir das coisas que persuadem em relação a cada caso (dia. de. tou/ lo, gou pisteu, ousin o[tan avlhqe. j h; faino, menon dei, xwmen evk tw/n peri. e[kasta piqanw/n).

Portanto, *êthos*, *páthos* e *lógos* compõem a tríplice dimensão retórica. O *êthos* apresenta-se como aquele que é capaz de responder às questões sobre as quais o ser humano negocia aproximações e distanciamentos, é aquele em quem o *páthos* poderá reconhecer-se e a quem poderá identificar-se. E, nesse sentido, ele é mais do que a pessoa do orador, é um *princípio* e um *argumento de autoridade* no qual e pelo qual a audiência busca respostas; é *o ponto final do questionamento* (MEYER, 2007, p. 35) encarnado no orador. Mesmo que apresente apenas um ponto de vista pessoal sobre a questão posta, ele põe fim, com base na credibilidade calcada na sua autoridade, às interrogações potencialmente infinitas das respostas sugeridas. Em seu modo de ação, como *processo interativo de influência sobre o*

<sup>1</sup> Após demonstrar historicamente o empalidecimento do modelo retórico, a eliminação de suas partes, a sua decadência face os absolutismos, a sua transformação em mera linguagem estilizada e ornamental, Meyer (2007, p. 33) afirma que a Retórica atualmente tem sido revalorizada e, enquanto discurso sobre o discurso racional com vistas a conclusões verossímeis, está intimamente relacionada à Argumentação: “Hoje em dia, não se pode mais privilegiar a argumentação em desfavor da retórica, ou o contrário, e é realmente necessário unificar a disciplina.”

*outro* (MAINGUENEAU, 2008, p.17), o *êthos* procura evitar a permanente recolocação em questão dos discursos alheios.

Como *prova* que se apresenta por meio das escolhas de expressão, ele possui uma dupla dimensão: *moral e estratégica* (EGGS, 2005). A primeira, compreende as virtudes, definidas como uma disposição para encontrar a justa medida em relação a um homem razoável (*phrónesis*); mas é necessário, ainda, respeitar os *lugares (tópoi)* e os saberes comuns, de modo que o *êthos* deve mostrar-se apropriado às idades e aos *status* sociais, adaptando-se ao seu auditório segundo as suas *opiniões (dóxai)*, *paixões (páthe)*, *posturas (héxeis)* e *hábitos (éthe)*.

A força que oriunda do *êthos* não se dá, porém, apenas por elementos racionais. Significativas são as presenças concomitantes da *razão* e da *emoção* nesse processo que, já na *Retórica Antiga*, possuíam importância vital (Retórica, II, 1, 1377b). De fato, a imagem que o orador constrói de si não se dá sem afetividade; para produzir efeitos no ouvinte, ele não só desencadeia um processo racional que busca incitar reações, não só manifesta qualidades próprias que o auditório é convocado a ativamente inferir pelo raciocínio e a acolher como resposta competente, digna de confiança, às suas questões, mas também recorre à *simpatização* e, como diz Amossy, *simpatia dans le sens fort de sentir avec*<sup>2</sup> o que, portanto, ultrapassa a capacidade do uso hábil dos elementos racionais, e mesmo do mero manejo das emoções.

Nesse esforço, é comum encontrarmos a apresentação do caráter honesto, da dignidade, da seriedade, da moderação, das boas intenções, da camaradagem, da capacidade para analisar tudo o que está em questão e para oferecer a melhor resposta, contradizendo, às vezes, as aparências ou os discursos contrários.

Disso, resulta o *status* de autoridade que pode repreender ou confortar, reprovar ou confirmar.

Nesse sentido, o *êthos* é aquele com quem o auditório se identifica, e mais, é aquele com quem divide o sentimento de pertencimento que une os membros de um mesmo grupo e que faz com que os alocutários possam se sentir imediatamente em consonância com o locutor... (AMOSSY, 2008, p. 119). Por compartilhar o mesmo universo de esperança, de fé, de crenças, de valores, de regras, de hábitos, o auditório reconhece o *êthos* de pertencimento no orador. Não é a esse sentimento resultativo do discurso argumentativo que Perelman e Olbrechts-Tyteca, no *Traité de l'Argumentation* (2008), chamam de comunidade efetiva dos espíritos (p. 18)? Certamente também o é, pois fazer parte de um mesmo meio, conviver, manter relações sociais, tudo isso facilita a realização das condições prévias para o contato dos espíritos (p. 22).

Em suma, o *êthos*, que negocia as diferenças, se dá pela imagem que o orador projeta racionalmente de si - mostrando o seu caráter, a sua idoneidade e as suas competências, em conformidade com o tipo de discurso que empreende -, pela afetividade que desenvolve para produzir emoções no auditório, e também pelo saber dosar as diferentes gradações na conjugação da racionalidade de que se serve com a produção do efeito de "sentir com" (AMOSSY, 2008, p. 120-1), que promove o sentimento de participação, de ser similar, de que é alguém do próprio grupo que está falando (MAINGUENEAU, 2008, p. 15), ocultando a alteridade do orador enquanto promove o movimento racional dos argumentos.

Por sua vez, o *páthos*, o alvo da persuasão, é a dimensão retórica que é composta por três elementos que Meyer (2007, p. 40) assinala como sendo: 1) a fonte das questões, ou seja, das perguntas do auditório; 2) as emoções que

---

<sup>2</sup> "no sentido forte de *sentir com*" (AMOSSY, 2008, p. 113).

este experimenta; 3) os valores que lhe justificam as respostas.

Assim, o *páthos* não só faz surgir as questões às quais o *êthos* deve responder, mas também participa ativamente da ação *ética*<sup>3</sup>, pois as emoções e as paixões que vêm à tona são o resultado do cruzamento dos diversos interesses que o auditório possui com as respostas que recebe, como lembra Bourdieu (2008, p. 25): *cada receptor contribui para produzir a mensagem que ele percebe e aprecia, importando para ela tudo o que constitui sua experiência singular e coletiva*, pois, de fato, o auditório interfere diretamente na construção da imagem que o orador projeta de si e na de seu *lógos*. As diversas possíveis reações *patéticas* (emotivas, passionais, ou apenas opinativas) são respostas ao que o *êthos* apresentou como resposta. Saber provocar as paixões desejadas é, portanto, dominar um forte instrumento de mobilização, seja para a adesão a uma tese (eliminando o problema que separa), seja para a sua repulsão (reforçando a diferença).

O *lógos*, enquanto dimensão retórica, *se presta à mescla dos dois pontos de vista [do êthos e do páthos]* - (MEYER, 2007, p. 52) e é a expressão tanto da questão quanto da resposta. Cabe ao orador conhecer o quanto o seu auditório sabe a propósito daquilo que ele trata em seu discurso, a fim de evitar que a interrogação se estenda. Quanto maior for a dúvida ou a ignorância a respeito do que o *outro* sabe, mais informações haverá de ser dadas.

Da resposta rápida da figura retórica – espaço problematológico para o auditório, haja vista que ele deverá encontrar a solução do sentido da mensagem em um outro (diferente do literal) –, que visa a reforçar identidades fracas e/ou a reduzir diferenças fortes, àquela baseada no silogismo retórico (entimema) que

ataca direta e argumentativamente a questão, *passando pelo estágio intermediário da resposta literal mas todavia discutível* (MEYER 1998, p. 72), o *lógos é tudo aquilo que está em questão* (MEYER, 2007, p. 45).

Dentre os três aspectos fundamentais que Aristóteles relaciona ao discurso - a partir de que coisas serão as provas (ἐκ τίνων αἱ πίστεις ἔσονται), a respeito da expressão linguística (περὶ τὴν λέξιν) e o como é preciso ordenar as partes do discurso (πῶς χρῆ τάξαι τὰ μέρη τοῦ λόγου), Retórica, III, 1, 1403b -, é no primeiro que ele situa as três fontes de argumentos de que falamos, eixos que são de toda organização e funcionamento do edifício retórico, pois o **orador** interfere deliberando, defendendo ou ornamentando; o **auditório**, com suas reações da alma e paixões, julga se a resposta é útil, justa ou bela, põe à prova a resposta, e interroga sobre a pertinência das questões tratadas e sobre a legitimidade daquele que as responde; e o **discurso**, fundado sobre o contingente, repousa no que será, no que teria sido, ou no que é possível ser ou não-ser.

*Êthos, páthos e lógos*, assim, são dimensões constitutivas indissociáveis, *fontes de respostas que podem ser argumentos ou espaços para argumentar* (MEYER, 2007, p. 30), que não devem sofrer a exclusão, o isolamento, ou a hierarquização, pois *o orador, o auditório e a linguagem são igualmente essenciais*<sup>4</sup>.

### Análise de corpus

#### Discurso de Paulo aos gentios não convertidos de Listra (Atos 14.15-18)

Em Listra, cidade da Licaônia, após a realização de um milagre - a cura de um homem coxo desde o nascimento (Atos 14.8-10) -, muitas pessoas associaram Barnabé e Paulo a Zeus e Hermes, respectivamente, uma

<sup>3</sup> Empregamos o termo *ética* (de ηθική,) no sentido de relativo ao *êthos*.

<sup>4</sup> (Ibid., p. 25).

vez que aquele era o mais velho e este o dirigente do discurso (o` h`gou,menoj tou/lo,gou - *Atos* 14.12). O sacerdote de Zeus da cidade, em atitude de adoração, trouxe touros (tau,rouj) e coroas (ste,mmata) para oferecer-lhes em sacrifícios (*Atos* 14.13).

Em razão dos habitantes falarem entre si em língua nativa (licaônica), os evangelistas não entendiam o que estava acontecendo, não imaginando o ritual que estava prestes a se realizar. Quando, porém, caíram em si, rasgaram os seus mantos em sinal de reprovação e começaram a gritar que eram simples humanos anunciantes do bom-anúncio:

15. a;ndrej( ti, tau/ta poiei/teÈ kai. h`mei/j o`moiopaqei/j evsmen u`mi/n a;nqrwpoi euvaggelizo,menoi u`ma/j avpo. tou,twn tw/n matai,wn evpistre,fein evpi. qeo.n zw/nta( o]j evpoi,hsen to.n ouvrano.n kai. th.n gh/n kai. th.n qa,lassan kai. pa,nta ta. evn auvtoi/j\

Homens, que coisas essas estais fazendo? Também nós somos sofrentes (sofredores) semelhantes a vós, homens que vos anunciam {o bom-anúncio}, a partir dessas coisas vãs, virardes para sobre (voltardes para sobre) {o} Deus vivente, que fez o céu e a terra e o mar e todas as coisas {que estão} neles;

16. o]j evn tai/j parwlchme,naij geneai/j ei;asen pa,nta ta. e;qnh poreu,esqai tai/j o`doi/j auvtw/n\

que nas gerações passadas permitiu todos os gentios irem pelos caminhos deles,

17. kai,toi ouvka avma,rturon auvtou.n<sup>5</sup> avfh/ken avgaourgw/n( ouvrano,gen u`mi/n u`etou.j didou.j kai. kairou.j karpou,rouj( evmpiwlw/n trofh/j kai. euvfrosu,nhj ta.j kardi,aj u`mw/n\

e também não {os} deixou ir sem testemunho em relação a si mesmo, fazendo (realizante do) bem; do céu dando (dante) a vós chuvas e tempos oportunos portadores de frutos, enchendo (que enche) completamente de alimento e de contentamento (alegria) os corações de vós (*Atos* 14.15-18).

Nesses versículos, o narrador simula a sua ausência; o discurso direto produz o efeito de realidade, não sendo, portanto, um simples recurso léxico-poético. Ao ser “recriado” no “laboratório discursivo”, o simulacro da enunciação construído em forma de discurso alheio produz o efeito de vivificação da fala, que a torna próxima do narratário. Esse recurso é encontrado em todos os discursos paulinos registrados no livro de *Atos dos Apóstolos*.

Para relatar o evento, o narrador outorga a palavra ao *interlocutor*, inaugurando um novo e autônomo sistema enunciativo, com as categorias de pessoa, tempo e espaço que lhe são pertinentes. O discurso reportado, simulacro da enunciação construído pelo narrador, é a produção de uma enunciação dentro de outra: o discurso citado dentro do citante, pertencentes a diferentes situações enunciativas.

Assim, no discurso paulino, embora não estejamos no nível do “eu projetado” (nível discursivo do narrador), mas no do “eu personagem” (nível discursivo do interlocutor), essas categorias naturalmente se instalam: é um novo *eu* que diz *eu* no *agora* e no *aqui* que lhe pertencem: é um novo sujeito que ao dizer *eu* instaura, por necessidade, um *tu* interlocutário correspondente às suas condições espaço-temporais. Assim estabelecido, é o *eu-aqui-agora* (triângulo *dêitico enunciativo* - PARRET, 1988, p. 169) do interlocutor que nos interessam.

Infere-se, portanto, que não só a categoria *pessoa* deve ser compreendida como elemento para (re)construção do sentido produzido, mas também as noções adjacentes de *lugar* e de

5 Conforme Nestle-Aland (1985, p. 363), há a seguinte variante textual: “auvtou,n: für dieses Wort (para esta palavra) e e`auto,n”, daí au`to,n, que é a melhor opção para a constituição semântica do versículo e que seguimos em nossa tradução.

*tempo*, que se estabelecem a partir do momento em que *eu* diz *eu*: *Toda estrutura da língua se organiza ao redor daquele-que-diz-eu e de sua referência ao seu papel, outorgado pela comunidade* (PARRET, 1988, p. 163). Em conjunto, pela ancoragem histórica que estabelecem, criam o efeito de referência externa tão caro à persuasão, em razão da produção de “verdade” que promove, como afirma Barros (1990):

Partindo do princípio de que todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é verdadeiro (ou falso), os mecanismos discursivos têm, em última análise, por finalidade criar a ilusão de verdade. Há dois efeitos básicos produzidos pelos discursos com a finalidade de convencerem de sua verdade, são o de proximidade ou distanciamento da enunciação e o de realidade ou referente. (...) Os efeitos de realidade ou de referente são... construídos mais frequentemente por meio de procedimentos da semântica discursiva(...). O recurso semântico denomina-se *ancoragem*. Trata-se de atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como ‘reais’ ou ‘existentes’, pelo procedimento semântico de concretizar cada vez mais os atores, os espaços e o tempo do discurso, preenchendo-os com traços sensoriais que os ‘iconizam’, os fazem ‘cópias da realidade’. Na verdade, fingem ser ‘cópias da realidade’, produzem tal ilusão. (p. 55-60)

Como o registro do relato é bem pequeno, presume-se que se trata de um resumo (ou talvez de uma simples criação de situação discursiva que não tem, necessariamente, ligação com a realidade) que contém apenas a parte que, para Lucas, era a mais significativa. O fato de em Listra ter sido fundada uma comunidade cristã, mesmo que no discurso nada tenha sido dito sobre a fé em Cristo, evidencia que o registro não está completo. Se, por um lado, o narrador aponta explicitamente para um trabalho missionário mais intenso do que aquele que se pode depreender da breve exposição paulina: *kavkei/ euvangelizo, menoi*

*h=san, e ali estavam anunciando (eram anunciantes)* {o bom-anúncio} - 14.7; por outro lado, não só Paulo confirma esse trabalho: *homens que vos anunciam* {o bom-anúncio} - 14.15, mas também o próprio auditório ao chamá-lo de *Hermes*, porque era *dirigente do discurso* - 14.12. Para nós, a importância dos poucos versículos não é pequena, tendo em vista que nos revelam tanto uma parcela do discurso persuasivo anunciado, quanto as reações passionais dos evangelistas (de *distanciamento* quanto ao equívoco da divinização e de *aproximação* quanto à comum condição humana existente entre interlocutores/interlocutários) diante de seu público gentio.

Após ter negado a sua divindade e ter-se mostrado *simpático* com os seus ouvintes (*também nós somos sofrentes (sofredores) semelhantes a vós* - v. 15), a fim de produzir a similitude no sentir e do pensar para alcançar a benevolência pelo nivelamento de *status*, Paulo diz que a sua missão era *anunciar-lhes algo (homens que vos anunciam* - v. 15), isto é, o evangelho de que poderiam voltar-se ao Deus vivo, soberano, criador de tudo o que existe. Dessa forma, os ouvintes poderiam abandonar *as coisas sem valor* (os deuses pagãos e seus rituais), deixar o que não tem vida, para ir ao encontro do *Deus vivente* - v. 15.

Embora os seus argumentos tenham sido extraídos das *Escrituras* judaicas, Paulo os utiliza sem explicitar a fonte, e mais, insere-os em um novo contexto que lhe permite reforçar a tese que apresenta. O evangelista toma e adapta o texto à nova situação de enunciação, aproximando-o da *dóxa* de seus ouvintes. Por exemplo, a expressão *que fez o céu e a terra e o mar e todas as coisas neles* (v. 15) está *ipsis litteris* em *Êxodo* 20.11, inserida em contexto que trata da obrigatoriedade da guarda do sábado (sétimo dia). No *Antigo Testamento*, é um argumento a favor das obrigações religiosas judaicas:



evn ga.r e]x h`me,raij **evpoi,hsen ku,rioj to.n ouvranon.kai. th.n gh/n kai. th.n qa,lassan kai. pa,nta ta. evn auvtoi/j** kai. kate,pausen th/ h`me,ral th/ e`bdo,mhl dia. tou/to euvlo,ghsen ku,rioj th.n h`me,ran th.n e`bdo,mhn kai. h`gi,asen auvth,n

pois em seis dias **fez o senhor o céu e a terra e o mar e todas as coisas neles**, e cessou no sétimo dia; por isso, abençoou o senhor o sétimo dia e o santificou – os grifos são nossos (Êxodo 20.11/LXX) – os negritos são nossos.

que, na nova situação, se refere à presentificação de Deus entre os gentios (*vos anunciam*):

)))a;nqrwpoi euvangelizo,menoi u`ma/j)))  
evpistre,fein evpi. qeo.n zw/nta( o]j  
evpoi,hsen to.n ouvranon.kai. th.n gh/n  
kai. th.n qa,lassan kai. pa,nta ta. evn  
auvtoi/j\

...homens que vos anunciam {o bom-anúncio} para virardes para sobre o Deus vivente, que fez o céu e a terra e o mar e todas as coisas [que estão] neles (Atos 14.15) – os negritos são nossos.

Mas quem é esse Deus universal criador de todas as coisas existentes? Paulo o apresenta como o Deus *vivente* (*que vive, que é vivo, que está vivendo*). Enquanto ele emprega simplesmente qeo.j, e a LXX, ku,rioj, o texto hebraico não usa um título genérico, mas hw"hy>, nome próprio do Deus dos judeus, a quem Paulo certamente se referia, sem entretanto, nomeá-lo, como sendo o criador e para quem os gentios poderiam se voltar. O *Antigo Testamento* possui várias ocorrências<sup>6</sup> em que hw"hy> é assim qualificado (yx; lae/~yYIx; ~yhil{a/ /yx; ~yhil{a/, *Deus vivo*<sup>7</sup>), o que nos indica que os conceitos teológicos subjacentes de Paulo – de onde

extraía muitos de seus argumentos - eram os mesmos do judaísmo.

Ele anuncia que uma nova era tinha sido iniciada. Na anterior, os homens desviaram-se de Deus e andaram por seus próprios caminhos (v. 16); na atual, eles podem voltar-se livremente para ele (v. 15), àquele que nunca deixou de dar testemunho de si como evidência de sua presença no mundo (v. 17). Dessa maneira, o Deus que anuncia é aproximado do ouvinte, é feito alguém que se manifesta a todos e que pode ser encontrado.

Ele é o *que faz o bem* (*é fazente, fazedor do bem*), de modo que do céu ele é o *que dá* (*dante*) as chuvas e os tempos oportunos portadores de frutos, é o *que enche completamente* (*é enchente, enchedor de modo completo*) de alimento e de alegria os corações. Essas ações e qualidades inerentes a esse Deus são expostas como tendo sido também manifestadas aos ouvintes, como os pronomes u`mi/n (*a vós*) e u`mw/n (*de vós*) do v. 17 indicam, de modo que a Natureza anuncia a existência do Criador e o cuidado que ele tem com todas as suas criaturas.

Dentre as vozes veterotestamentárias, conscientes ou não, encontra-se ainda a de *Levíticos*:

kai. dw,sw to.n u`eto.n u`mi/n evn kairw/  
auvtou/ kai. h` gh/ dw,sei ta. genh,mata  
auvth/j kai. ta. xu,la tw/n pedi,wn  
avpodw,sei to.n karpou.n auvtw/n

e **darei a chuva a vós no tempo** dela, e a terra dará o produto dela, e as árvores das planícies darão o fruto delas – os grifos são nossos - Levíticos 26.4 (LXX)

ouvranon,qen u`mi/n u`etou.j didou.j kai.  
**kairou.j** karpou,rouj( evmpiplw/n trofh/j...

do céu dando a vós chuvas e tempos oportunos portadores de frutos, enchendo completamente de alimento... (Atos 14.17) – todos os grifos são nossos.

6 Josué 3.10; 1Samuel 17.26 e 36; 2Reis 19.4 e 16; Salmo 42.2; Isaías 37.4 e 17, entre outros.

7 Os termos em hebraico são traduzidos na LXX como qeo.j zw/n, como no texto de Atos.

É possível verificar que Paulo faz diversas adaptações nesse texto-fonte. A mais significativa está no referente do pronome *vós*. Temos o mesmo *u`mi/n* tanto em *Atos* quanto em *Levíticos*, mas estão associados a auditórios diferentes. Os ouvintes de Paulo, que desconheciam a fonte e o contexto originais, certamente entenderam (como era intencionado) que o anúncio lhes era destinado: era a mensagem do cuidado do Deus vivo extensivo a todos os homens. De modo bem diferente, em *Levíticos*, as chuvas que trariam abundância de frutos estavam condicionadas à irrestrita obediência à Torá e faziam parte das promessas destinadas exclusivamente a *vós*, os judeus.

Mas em que medida essas adaptações estavam adequadas à *dóxa* do auditório? Em que medida o orador construiu o seu discurso, levando em conta as crenças e os valores da sua audiência? Para respondermos a isso, devemos lembrar que o público de Paulo já era religioso e que possuía crenças parecidas com as que o evangelista anunciava. A noção henoteísta (*ei-j qeo,j - único deus* [El. Arist. *Orat.* 42,4], *a;rcwn kai. ku,rioj a`pa,ntwn qew/n - chefe e senhor de todos os deuses* [Plut. *De iis qui sero...4*]) da divindade já era aceita entre os de religião grega (Murachco,1997). Destaca-se, ainda, que o próprio Zeus já tinha sido chamado de *deus vivo* [*o` zw/n qeo,j - K. Preisendanz, Papyri Graecae Magicae, IV, 255 2 959*], o que, sem dúvida, forneceu material para a argumentação paulina.

Terra (2001) chega mesmo a afirmar que a supremacia de Zeus numa monarquia divina porta indícios de um monoteísmo prático na crença popular e isso justificaria, a seu ver, que Zeus tenha sido *praticamente o único deus contemplado pela devoção popular na escolha dos nomes teofóricos* (p. 316). Uma breve comparação entre os epítetos de Zeus e o discurso de Paulo pode nos mostrar como grande parte das crenças do interlocutor e dos

interlocutários não estava em oposição; o que estava em jogo era a tese paulina de que todos poderiam se voltar ao Deus cuja existência já era seguramente admitida, por intermédio de Cristo (informação essa que o narrador permite o leitor inferir, quando denomina Paulo e Barnabé de *euvaggelizo,menoi, anunciantes do bom-anúncio - 14.7*):

15....evpistre,fein evpi. qeo.n zw/nta(o)j evpoi,hsen to.n ouvrano.n kai. th.n gh/n kai. th.n qa,lassan kai. pa,nta. evn auvtoi/j\  .... virardes para sobre o Deus vivente, que fez o céu e a terra e o mar e todas as coisas [que estão] neles;	•zwarch/j	•que sustenta a existência
	•zwodo,thj	•que dá a vida
	•zwlooth,r	•que vivifica
	•zwoto,koj	•criador da vida
	•zwopoio,j	•vivificador
	•avrchgo.j fu,sewj	•causa primeira da natureza
	•path,r kai. ouvranou/ kai. gh/j	•pai do céu e da terra
•poiht.j tw/n o]lwn	•fabricante do universo	
•poiht.j pa,ntwn	•fazedor de todas as coisas	
•panai,tioj	•causa universal	

17. kai,toi ouvkv avma,rturon auvto.n avfh/ken avgaqourgw/n(ouvran,o,qen u`mi/n u`etou.j didou.j kai. kairou.j karpofou,rouj( evmpiplw/n trofh/j kai. evvfrosu,nhj	•diata,ktwr pa,ntwn	•ordenador de tudo
	•a`pa,ntwn euverge,thj	•benfeitor de todos
	•euvmenh,j	•benevolente
	•h;pioj	•benigno
	•ne,mei o;lbon avnqrw,poisin	•distribui felicidade aos homens
•diata,ktwr	•ordenador	

ta.j u`mw/nÅ	kardi,aj	•Diotrefh,j (nome próprio)	• <i>alimentado por Zeus</i>
<p>e também não [os] deixou ir sem testemunho em relação a si mesmo, fazendo bem: do céu dando a vós chuvas e tempos oportunos portadores de frutos, enchendo completamente de</p>			

Dessa forma, os verbos-adjetivos *avgaourgw/n* (que faz o bem), *didou,j* (que dá) e *evmptlw/n* (que enche), que qualificam e que classificam Deus, têm força argumentativa na medida em que foram selecionados para enfatizar características divinas amplamente aceitas pelo auditório.

A religiosidade popular grega, então, quer seja entendida sob a ótica henoteísta ou monoteísta, o certo é que há a noção de um deus supremo a quem se dirigem todos os outros e de quem todos derivam. Disso, Paulo, mesmo mantendo o pensamento judaico como fundo teológico, certamente aproveitou-se em suas missões evangelísticas, a fim de apresentar o Deus que, sob o seu ponto de vista, era o único e supremo. Essa sua manobra argumentativa visava não só a construir um acordo, um ponto de partida, pela *simpatia dóxica*, mas também, a partir disso, conduzir o auditório à fé cristã.

As qualidades atribuídas mantinham pontos em comum com a religiosidade dos habitantes daquela cidade. Teriam essas escolhas sido feitas inconscientemente ou por ignorância? Dificilmente isso teria ocorrido. Trata-se, na verdade, de acomodação do discurso, tanto para a *simpatização* quanto para a *condução* à crença que se apresenta.

É-nos evidente que essas simulações tiveram objetivo certo; não se satisfizeram em

si mesmas; foram estratégias para a construção da “verdade” que surge do discurso. E é por essa “verdade” que o interlocutor quer persuadir o interlocutário às teses que lhe são propostas. Ora, a linguagem é instrumento humano para ganhar a adesão do outro, de modo que a interação social por seu intermédio se caracterizará, fundamentalmente, pela argumentatividade (KOCH, 2002, p. 19).

É-nos visível, também, que Paulo foi além dos limites judaicos da aplicação das *Escrituras* e, com isso, contribuiu - ultrapassando o isolamento da Palestina (JAEGER, s/d, p. 15) - para que o desenvolvimento da fé cristã não se restringisse a um único centro cultural e religioso. Com o Apóstolo dos Gentios, os valores cristãos não permaneceram como simples representantes das formas evolutivas das tradições e valores intelectuais, morais e espirituais de Israel; na verdade, o cristianismo tomou forma de uma nova religião internacional porque fazia parte da cultura universalista do mundo helênico-romano (KOESTER, 2005, p. XXIII). Embora a linguagem do pensamento de Paulo tenha permanecido hebraica, pois as *Escrituras* serviram-lhe como a pedra de onde retirou suas ideias, termos e temas (DUNN, 2003, p. 812), a sua experiência mística associada à sua formação helênica permitiu-lhe uma visão ampliada sobre a ação de Deus no mundo, razão de suas constantes releituras das *Escrituras*.

Em sua incumbência, diante de um mundo cultural muito maior do que a sua formação judaica, valeu-lhe o conhecimento da cultura e da língua gregas. Ele se movia no mundo helenizado como se estivesse em seu *habitat* natural e usava argumentativamente a experiência que supomos compartilhar com a sua audiência, pois a força teológica de seus ensinamentos está relacionada ao diálogo que

mantinha com o seu público (DUNN, 2003, p. 803).

### Considerações finais

Como é possível perceber, a persuasão é posta em ação quando o orador parte daquilo que o auditório já consente (de sua *dóxa*), estabelecendo, a seguir, uma relação entre as crenças existentes e o que se busca fazer admitir.

Ao escolher os modos discursivos que respaldam estratégias argumentativas, Paulo mostrou a sua preocupação com aquele a quem haveria de dirigir a palavra, que *não é um ser passivo, que apenas recebe as informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações* (FIORIN, 2004, p. 71).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2008) ressaltam a importância de levar em conta a constituição do auditório, pois *prender o interesse de um público indiferente {é} condição indispensável para a execução de qualquer argumentação* (p. 23). Assim, é em relação ao *páthos* que os discursos estão dispostos (p. 31).

Ao realizar escolhas formais para o discurso, Paulo harmonizou-o ao auditório que pretendia atingir, buscou adequá-lo aos juízos de valores reconhecidos. Ao apoiar os seus argumentos sobre o que era partilhado, sobre o universo de valores e paixões aceitos, ele modelou o seu *êthos* de acordo com as representações coletivas preexistentes, extraindo força argumentativa desse seu *status*.

Como a imagem do orador é sempre construída em função daquela que ele tem de sua audiência, os ajustes lhe foram fundamentalmente necessários ao querer mostrar vínculo pessoal com a *dóxa* e provocar consentimento e participações mental e emotiva. Desse modo, as suas escolhas linguísticas sofreram acomodações, ajustes

exigidos pelo *páthos* que se impôs diante do *eu* que falava. Se, por um lado, a intenção paulina nesse processo de criação de si (*êthos*) e do outro (*páthos*) por meio da palavra (*lógos*) era obter autoridade e garantir o sucesso do empreendimento oratório, determinando comportamentos e opiniões, por outro lado, a audiência foi co-produtora de seu discurso, foi sujeito co-enunciador, cuja imagem estabeleceu nítidas coerções.

### Referências

AMOSSY, Ruth. Dimension rationnelle et dimension affective de l'ethos. In: RINN, Michael (dir). **Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

ARISTÓTELES. **Te, cnh ~Rhtorikh**,. Disponível em *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG) <<http://www.tlg.uci.edu/demo/asearch>>. Acesso em 31.12.2008.

\_\_\_\_\_. **Retórica**. Tradução, introdução e notas de Manuel Alexandre Júnior et al. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. Tradução de Sérgio Miceli et al. Edusp: São Paulo, 2008.

DUNN, James D.G. **A teologia do apóstolo Paulo**. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. O pathos do enunciatário. In: **Revista Alfa**, nº 48, São Paulo, 2004.

JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e paideia grega**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Coleção Perfil – História das Ideias e do Pensamento, vol. 6. Lisboa: Edições 70 Ltda, s/d.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 7. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2002.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento. História, cultura e religião do período helenístico**. Volume 1. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

MEYER, Michel. **Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução**. Tradução de António Hall. Lisboa: Edições 70, 1998.

\_\_\_\_\_. **A retórica**. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial).

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <[http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/ETHOS%20DISCURSIVO\\_CAP1.pdf](http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/ETHOS%20DISCURSIVO_CAP1.pdf)>. Acesso em: 05/07/2011.

MURACHCO, Henrique Graciano. **Monoteísmo judeo-cristão e henoteísmo grego**. Texto apresentado na PUC- SP, em 19.05.97.

\_\_\_\_\_. **Língua Grega. Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional**. 2. Ed. vol. 1 e 2. Petrópolis, Editora Vozes/ Discurso Editorial, 2003.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 26. Auflage. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft. 1985.

PARRET, Herman. **A enunciação e pragmática**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1988.

PERELMAN Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Traité de l'Argumentation**. 6<sup>e</sup> édition. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 2008.

TERRA, João Evangelista Martins. **O Deus dos indo-europeus**. São Paulo: Loyola, 2001.

The Greek New Testament (GNT), edited by Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, and Allen Wikgren, in cooperation with the Institute for New Testament Textual Research, Münster/Westphalia, Fourth Edition (with exactly the

same text as the Nestle-Aland 27<sup>th</sup>. Edition of the Greek New Testament). In: **Software "Bible Works"**. Copyright © 1995 Michael S. Bushell.

*Revisão:*

*Roberto Santos de Carvalho*

Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: [robertlinguistica@hotmail.com](mailto:robertlinguistica@hotmail.com).